

THALER Isabel, Entre Realidade e ficção. O Teatro do Oprimido como espaço estético para o cidadão-artista. Campinas: UNICAMP. Doutorado, Artes Cênicas, Instituto de Artes; UNICAMP; Orientação: Cassiano S. Quilici

RESUMO:

Este artigo visa discutir a proposta teatral do Teatro do Oprimido e da Estética do Oprimido como estratégia artística para o cidadão conquistar visibilidade no espaço público da cidade contemporânea. Na segunda metade do século XX, os Internacionais Situacionistas denunciaram “a sociedade do espetáculo”, a qual, se nutria através de imagens impostas, prontas para o consumo acrítico. Nas cidades, nas quais o espaço público se degenera a um lugar de “espetacularização”, como a urbanista Paola Bernstein-Jaques afirma, a participação na vida pública se limita em assistir o show urbano. O Teatro e a Estética do Oprimido, com os seus vários métodos de promover uma manifestação cultural popular, visa fortalecer o artista dentro do cidadão e desde modo revelar o cidadão-artista.

PALAVRAS-CHAVE: Teatro do Oprimido, Estética do Oprimido, Cidadão-artista, Espaço Público

ABSTRACT:

This article aims to discuss the theatrical proposal of the Theatre of the Oppressed and with it the Aesthetic of the Oppressed as an artistic strategy for the citizen to conquer visibility in the public space of the contemporary city. In the second half of the 20th century, the International Socialists denounce “the society of the spectacle”, which subsists through imposed images, ready for uncritical consumption. In the cities, where the public space degenerates to a place of “spectacularization”, like the urbanist Paola Bernstein-Jaques states, the participation in the public life is limited to assisting the urban show. The Theatre and the Aesthetic of the Oppressed, with its various methods to promote a manifestation of popular culture, aims to reinforce the artist inside the citizen and thereby to reveal the citizen-artist.

KEY-WORDS: Theatre of the Oppressed, Aesthetic of the Oppressed, Citizen-artist, Public Space

Em Setembro 2017 um coletivo artístico chamado “Staub zu Glitzer” – em português “Poeira para Brilho” – ocupa a instituição teatral *Volkstheater* em Berlim por uma semana. Esta performance “transmedial” foi realizada como um protesto artístico contra a espetacularização da cidade e a política municipal e cultural de Berlim. A *Volkstheater*, a instituição teatral tradicional da esquerda, como é estabelecido já no nome “palco do povo” virou o foco de uma discussão polemica na paisagem cultural alemã. A partir da temporada de 2017/2018 o cargo de diretor artístico é assumido por Chris Dercon, antigo diretor do museu *Tate Gallery of Modern Art* em Londres. Como um gesto cultural a sua pessoa representa a venda da cultura e um símbolo da gentrificação da cidade. Porém, como os ativistas, o seja os artistas de “Poeira para Brilho” afirmam não foi a intenção da ação protestar contra a pessoa de Dercon em si, mas sim desafiar a cidade de Berlim e evidenciar as falhas sociais e culturais. Deste modo o teatro ficou aberto para o público para

realizar ações artísticas, bem como discussões políticas até que a polícia terminou. A *Volksbühne em Berlim* (Foto: Isabel Thaler 2017) esta intervenção depois uma semana.



A questão da cidade como um lugar de espetacularização não é nova mas surgiu também como discurso na segunda metade do século XX. O principal fundador de Internacional Situacionista, o filósofo francês

Guy Debord, fez uma feroz crítica à “sociedade do espetáculo”. Para a Internacional Situacionista a espetacularização das cidades e desse modo da sociedade contemporânea significa a negação da cidade como espaço público, realizado através da criação de imagens, prontas para o consumo imediato. Estas imagens



não permitem participação, discussão e muito menos um descenso, pois foram feitas para a evocação do mero consenso social. Os espaços urbanos promovem uma certa noção capitalista e o cidadão, ou seja, o povo está sendo condenado a fazer parte do espectador do show urbano. Não consegue atuar propriamente nestas cidades, nestes espaços públicos, quanto mais é permitido criar um espaço respondendo às suas

necessidades e desejos socioculturais. Dado que este fenômeno já foi percebido nas cidades europeias pós-guerras o grupo da Internacional Situacionista, formado por artistas e intelectuais europeus de esquerda entre os anos de 1957 e 1972, se dedicou à questão como o cidadão consegue recuperar o seu espaço no ambiente urbano.

Rua em Berlim (Foto: Isabel Thaler 2017)

A esse discurso deixa se relacionar a proposta do Teatro do Oprimido e da Estética do Oprimido de Augusto Boal. O diretor e teatrólogo observa a separação da sociedade em grupos aos quais pertence o poder da imposição de imagens e os que permanecem invisíveis no espaço público e são condenados a consumir estas imagens impostas. A Estética do Oprimido busca fortalecer uma estética popular, ou seja uma estética própria ao cidadão, para que a povo libere-se do estado de paralização e do papel de mero consumidor na sociedade do espetáculo. Deste modo, não se foca só na imagem, mas também envolve o som e a palavra. Estes três meios de comunicação, palavra, som e imagem, Boal reconhece como os alicerces de comunicação mais poderosos do ser humano, porém instrumentalizados pelos órgãos opressores. Desta forma são os canais onde se efetua a invasão e dominação dos nossos cérebros, e assim Boal constata: “É pela

posse da Palavra, da Imagem e do Som que os opressores oprimem, antes que o façam pelo dinheiro e pelas armas.” (BOAL 2009, p. 40) Grupo NATO em Campinas 2017 (Foto: Isabel Thaler 2017)



O som e a imagem, como pensamento sensível nutriam o pensamento simbólico, que signigica a palavra, que por sua vez alimenta o sensível. Assim se estabelece o trânsito entre o concreto e o abstrato. Muitas vezes a palavra sufoca a imagem

bem como o som e a fala inverídica repetida muitas vezes se torna uma nova verdade. Mas também a indústria da imagem e do som faz a sua parte de produzir a ideologia dominante e assim se desenvolve a estética do opressor.

No ano passado (2017) no VI Simpósio Internacional Reflexões Cênicas Contemporâneas na mesa de “Ambiente e Corpo em Arte” a arquiteta-urbanista Prof. Dra. Paola Bernstein Jacques (UFBA), que têm realizado diversas pesquisas sobre a Internacional Situacionista, problematizou em sua fala as relações entre espaço, corpo e arte, que passa pelo processo de espetacularização urbana. Em sua palestra Bernstein Jaques tematiza a negação do discurso e a menos ainda possibilidade do descenso nos espaços públicos em promover um pensamento único. Isto anda ao longo do ocultamento da vitalidade dos espaços populares da cidade que buscam tornar-se espetacularizados. A urbanista afirma que este processo de espetacularização tem sido discutido recorrentemente no meio acadêmico, mesmo que surja em termos diferentes como processo de esteticação, patrimonização, museuficação, turistificação, privatificação, dizneilandizaã, etc.¹ (BERSTEIN-JAQUES, 2017)

Neste contexto a Estética e o Teatro do Oprimido entra como uma tentativa do povo de reocupação do espaço público urbano. Como um meio contra a espetacularização será criado um espaço estético – não para um fim em si mesmo, mas para gerar uma atmosfera de descenso, debate e participação.

A realidade existe no Teatro do Oprimido, porém sempre como uma entre várias que pode ser transformada sob participação. Será inventado um espaço estético no qual podem ser criadas representações da realidade e da vida social. Desta forma, como a Internacional Situacionista, o Teatro e a Estética do Oprimido lutam para a participação do cidadão na cidade espetáculo, onde a

¹Berstein Jaques, Paola: VI Simpósio Internacional Reflexões Cênicas Contemporâneas na mesa de “Ambiente e Corpo em Arte” https://www.youtube.com/watch?v=aZ_6HjPOiwI, Acesso: 18/02/29018



Praça em Berlim (Foto: Isabel Thaler 2017)

realidade desaparece atrás de um brilhante mundo imaginário do marketing de evento e da indústria das imagens.

O cidadão que desenvolve em si o artista que é, mesmo sem sabê-lo pode enfrentar melhor as indústrias da palavra, do som e da imagem. [...] A arte pensa o sentimento e sente o pensamento. Procura conhecer a palavra como objeto sensível. (BOAL, 2009, p. 93)

Deste modo, o cidadão, em tornar-se cidadão-artista, que faz parte da esfera pública da cidade, tira a palavra do simbólico – abstrato – e se “re-apropria” dos pensamentos sensíveis, próprios ao ser humano. Na Estética do Oprimido a palavra é associada à poesia, a imagem reinventa o mundo e som busca o ritmo interno de cada um. A partir do uso desses meios da produção cultural de acordo com a própria visão está promovida uma cultura do cidadão – uma cultura do povo – que gera o conhecimento da força individual da transformação, seja artística ou social.

A este pensamento pode-se conectar as ideias do pesquisador de antropologia social Néstor García Canclini sobre a cultura popular, que ele vê comercializada ou museificada pelas classes dominantes, principalmente as da Europa ocidental. Canclini retrata que o capitalismo não só produz as próprias estéticas para manter a ordem hierárquica mas instrumentaliza também a cultura popular.

Ceramista em Kampala, Uganda
(Foto: Abdanger 2013)



Nas lojas urbanas de artesanato, nos museus, na publicidade e no turismo, como pudemos ver, as representações e práticas subalternas são reestruturadas com a finalidade de se tornarem compatíveis, para que

inclusive colaborem para o desenvolvimento do sistema hegemônico. Internaliza-se a cultura dominante nos hábitos populares, reproduz-se o étnico ao típico, uniformizam-se as diversas estratégias de sobrevivência postas em prática pelas classes oprimidas com a finalidade de subordiná-las à organização transnacional do simbólico. (CANCLINI, 1982, p. 134)

A seguir Canclini discute o caráter do popular e da cultura popular, que não pode ser buscado em objetos ou manifestações concretas mas sim deve ser pensado “como uma posição e uma prática. Ele não pode ser fixado num tipo particular de produtos ou mensagens, porque o sentido de ambos é constantemente alterado pelos conflitos sócias.” (CANCLINI, 1982, p 135) A arte e a cultura popular muitas vezes encontra-se entre a comercialização do mercado e a romanização do museu. Neste âmbito Canclini critica a visão elitista eurocêntrica, a qual define o que deveria receber o carimbo da arte e o que seja negado como “kitsch” e deste modo as manifestações populares.

Fazendo a ponte para a proposta do Boal, a Estética e o Teatro do Oprimido podem ser pensados como uma resposta, entre várias, aos desafios culturais das classes populares, demonstrados pelo Canclini. Neste contexto fica evidente



que esta proposta teatral não deva ter a intensão de impor uma visão ou esclarecer um certo grupo de pessoas. Porém, que deva contribuir para que as pessoas oprimidas revelem por si mesmas a opressão e ensaiem um possível futuro no espaço estético para uma transformação do espaço público e contra a dominação da sociedade do espetáculo.

Grupo NATO em Campinas (Foto: Isabel Thaler 2017)

BOAL, Augusto: Estética do Oprimido. Rio de Janeiro: Garamond, 2009

CANCLINI, Néstor García: As culturas populares no capitalismo. São Paulo: Editora brasiliense, 1982

JAQUES, Paola Bernstein: VI Simpósio Internacional Reflexões Cênicas Contemporâneas na mesa de “Ambiente e Corpo em Arte”
https://www.youtube.com/watch?v=aZ_6HjPOiwl,
Acesso: 18/02/2018